

Os faxinais de Irati-PR na década de 1940: a força de uma cultura tradicional*

*Hélio Sochodolak***

*Regiane Maneira****

Resumo. O Sistema Faxinal caracteriza-se pelo uso comum de terras para a criação de animais. Nosso recorte é a ocorrência da infestação de gafanhotos e a peste suína no sistema faxinal na década de 1940, na região de Irati-PR. Temos por objeto a investigação das práticas e significações dadas pelos faxinalenses a estes fatos, uma vez que puseram à prova não só o funcionamento do sistema faxinal, como também a sobrevivência e a permanência dos faxinalenses no campo.

Palavras-chave: História Cultural; Sistema Faxinal; Infestação de Gafanhotos; Peste Suína.

Common land in Irati PR Brazil in the 1940s: the strength of a traditional culture

Abstract. Common-land-system is characterized by the use of common land for animal breeding and grazing. Current paper is fine-tuned to the occurrences of grasshopper infestation and swine fever within the communal land system in the 1940s in the region of Irati PR Brazil. Investigation focuses on the practice and meanings of common land users appropriated by the above-mentioned occurrences since the latter tested the common land system and the survival and permanence of its users in the region.

Keywords: Cultural history; common land system; infestation by grasshoppers; swine fever.

* Artigo recebido em 27/09/2012. Aprovado em 29/04/2013.

** Departamento de História da Unicentro/Irati/PR, Brasil. Email: sochodo@gmail.com

*** Programa de Pós-graduação em História da Unicentro, Irati/PR, Brasil. Email: manciaregiane@yahoo.com.br

Los *faxinales* de Irati (Paraná) durante la década de 1940: la fuerza de una cultura tradicional

Resumen. El Sistema *Faxinal* se caracteriza por el uso común de la tierra para la cría de animales. Nuestro recorte es a partir de la plaga de langostas y la peste porcina en el sistema *faxinal*, durante la década de 1940, en la región de Irati (en el estado de Paraná). Nuestro objeto es la investigación de las prácticas y significaciones dadas por los *faxinalenses* a estos hechos, dado que pusieron a prueba no sólo el funcionamiento del sistema *faxinal*, sino también la supervivencia y permanencia de ellos mismos en el campo.

Palabras Clave: Historia Cultural; Sistema *Faxinal*; Plaga de langostas; Peste porcina

Introdução

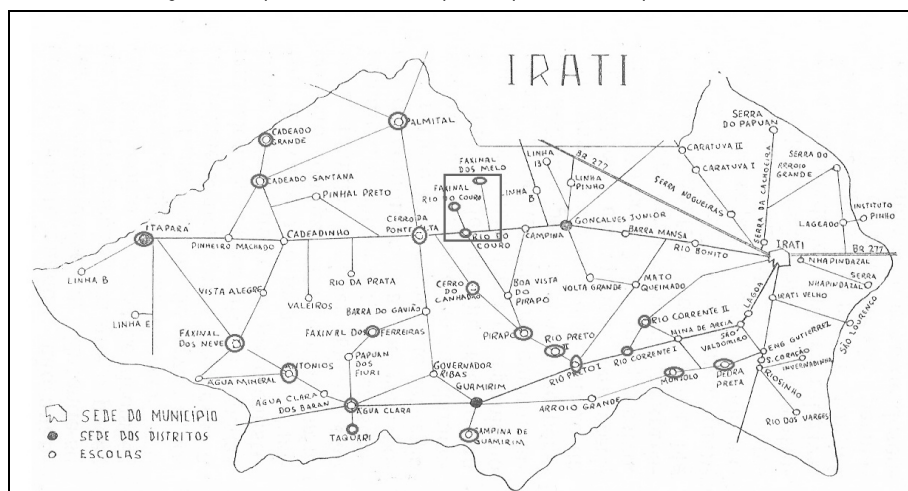
O Sistema de Faxinal é tradicionalmente caracterizado pelo uso coletivo da terra para a criação de animais, sendo denominado “criadouro comum”, pelo fato dos animais serem criados em regime de compáscuo. O faxinal é dividido em terras de plantar, que são destinadas ao cultivo agrícola, sendo delimitadas por uma cerca construída coletivamente; e as terras de criar, destinadas à criação de animais de várias espécies.¹

¹No que diz respeito à origem do Sistema Faxinal, não existe uma unanimidade entre os pesquisadores do tema. Segundo Nerone (2000), o Sistema de Faxinal decorre de um arcabouço cultural transplantado via colonizador, e cujas raízes podem ser encontradas na Península Ibérica, através das Reduções Jesuíticas Espanholas. Este vínculo que a autora faz entre a origem dos faxinais e as reduções jesuíticas, pode estar relacionado ao fato de que as reduções Jesuíticas também possuíam como forma de organização a vida comunitária. Man Yu Chang (1998) atribui a origem do sistema à estrutura de subsistência das grandes fazendas, que estavam baseadas na criação de animais à solta e no cercamento das lavouras com cercas de bambu, bem como o pouso da terra. A conexão que a autora faz entre a origem do faxinal e o sistema de criação de animais das grandes fazendas pode estar relacionado ao fato de que o faxinal também possui como estrutura básica de funcionamento, a criação de animais soltos no criadouro comunitário — terras de criar — e também o cercamento das terras destinadas à prática da agricultura — terras de plantar —, estrutura que segundo a autora também era encontrada nessas fazendas. José Adilçom Campigoto e Hélio Sochodolak (2009) vinculam o sistema faxinal à frente oriental paranaense da extração de erva-mate e a criação extensiva de suínos, praticada desde o século XVII nessa região. Quando diminuía os alimentos encontrados no local em que estavam, os coletores da erva mate adentravam novamente na mata, levando consigo os materiais utilizados no trabalho, alimentos e animais de carga e de criação, assim, o sistema de faxinal relaciona-se com esse tipo de nomadismo.

Uma das características principais do sistema faxinal é o cultivo de gêneros alimentícios como arroz, feijão, milho, batata, mandioca entre outros, que são destinados ao consumo das famílias e também para a venda do excedente. Há também a criação extensiva de animais, especialmente porcos, que “pode ser considerada como parte da cultura faxinalense, praticada pelos caboclos e, depois, adotada pelos imigrantes europeus, principalmente, por poloneses e ucranianos” (SOCHODOLAK; CAMPIGOTO, 2009, p. 195).

Na década de 1940 as plantações foram destruídas por gafanhotos que chegaram à região de Irati-PR. Poucos anos depois, ocorreu a peste suína que arrasou a criação de porcos. Tais eventos puseram à prova não só o funcionamento do sistema faxinal nas localidades atingidas, como também a permanência das pessoas no campo, e ainda, sua própria sobrevivência, haja vista que nesse período o sistema de faxinal estava baseado na agricultura de subsistência e na criação extensiva de porcos.

Figura 1. Mapa das localidades que compõem o município de Irati-PR



Fonte: ORREDA, 1972. p. 224. A demarcação retangular no mapa indica as localidades de rio do Couro, Faxinal do rio do Couro e Faxinal dos Mellos. Os círculos indicam as localidades que foram ou ainda são faxinais

O principal objetivo deste artigo consistiu em acessar os sistemas de práticas e significações produzidas pelos faxinalenses, moradores das localidades de rio do Couro, Faxinal do rio do Couro e Faxinal dos Mellos, em relação a estes dois eventos ocorridos na década de 1940 — a infestação de gafanhotos e a peste suína. Era de se esperar que o sistema de faxinal tendo suas bases de sobrevivência — a agricultura e a criação de porcos — destruídas, entrasse em decadência, mas pelo contrário, esse modo de organização camponesa persistiu, fortalecendo ainda mais os laços de solidariedade entre os faxinalenses.

A metodologia utilizada na pesquisa baseou-se, principalmente, na história oral. O historiador que se utiliza de fontes orais deve considerar que os testemunhos apresentam-se permeados por sentimentos e vivências que são ordenados a partir do tempo presente. É um exercício que necessita de um constante ir e vir no tempo.

Pensar as fontes orais como isentas de intenções por parte de quem as produziu e de quem as estuda, torna-se um erro, uma vez que,

A fonte oral, seja provocada por aquele que irá servir-se dela para sua pesquisa, seja utilizada por um outro historiador, tem a *priori* um *status* de fonte. Essa diferença radical não dispensa, contudo, um tratamento crítico (...) do testemunho solicitado (VOLDMAN, 2006, p.249).

Considerando os testemunhos orais como fontes, estes requerem um tratamento crítico, que aborde a data, o lugar, a natureza, bem como o contexto geral e particular que o documento foi produzido, auxiliando-nos em uma melhor compreensão do tema abordado na entrevista.

Produzidas as entrevistas, o historiador as organiza conforme seus interesses de pesquisa, da mesma forma que as fontes escritas, que são produzidas, armazenadas e organizadas sob determinados interesses. Ao fazer a leitura de uma entrevista deve-se ter o cuidado de não analisar o depoimento como uma reprodução de determinada realidade, ao contrário, trata-se de uma

construção que cada indivíduo faz, expressando suas interpretações em relação a determinado evento.

Marieta de Moraes Ferreira (2002) aponta para a história oral como um campo que privilegia o estudo das representações, sendo que a subjetividade e as deformações do depoimento oral não são vistas como elementos negativos, uma vez que a veracidade destes documentos não é considerada a principal preocupação. Os testemunhos estão relacionados à memória, a qual também é uma construção do passado, pautada em emoções e vivências.

Na visão de Philippe Joutard (2006), há inúmeros desafios para a história oral, os quais são importantes no sentido de evitar o enfraquecimento e/ou sua banalização deste rico campo documental. O primeiro desafio apontado pelo autor diz respeito ao progresso das tecnologias de comunicação. O segundo desafio está relacionado à reflexão metodológica ligada aos debates com as disciplinas afins, sociologia, etnologia ou linguística. O terceiro desafio faz menção ao modo de articular e fazer dialogar os diversos projetos e produções de história oral, os universitários que buscam na fonte oral um meio de resolver os problemas históricos, bem como os arquivistas interessados em completar sua documentação. O último relaciona-se às situações históricas que acarretam certo trauma para a memória (JOUTARD, 2006, p.51).

As principais críticas sobre o uso da história oral partem do pressuposto de que as fontes orais produzidas a partir de entrevistas ficam somente sob o domínio do pesquisador que as produziu, dessa forma, os demais interessados não têm acesso a tais documentos. Para resolver esta situação, muitos arquivos passaram a criar acervos de depoimentos orais abertos para a pesquisa, como o Centro de Documentação – Cedoc – da Universidade Estadual do Centro-Oeste, campus de Irati, para o qual foram enviadas as entrevistas realizadas durante esta pesquisa.

As entrevistas que foram coletadas tiveram como depoentes pessoas que viveram ou ainda vivem nos faxinais, mais precisamente nas localidades de Faxinal do Mellos, Faxinal do rio do Couro e rio do Couro, e que presenciaram a praga de gafanhotos e a peste suína na região. Esses depoimentos foram essenciais para se compreender os significados atribuídos pelos moradores dessas localidades a esses eventos.

Os diferentes significados dados pelos entrevistados podem ser entendidos a partir da relação que esses indivíduos possuíam com determinados grupos sociais, pois “a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo” (BOSI, 1994, p.54).

A memória dos faxinalenses foi a principal fonte para analisarmos as significações dadas pelos mesmos à infestação de gafanhotos e à peste suína, uma vez que a memória,

é o desdobramento perspectivado do que aconteceu [...]; é processo narrativo, *texto em movimento*. Ao se desdobrar, a interioridade encontra-se e encontra realidades vividas que marcam sua identidade, sua extensão, sua existência, sua forma de ser e significar (CALDAS, 1999, p.60-61).

Segundo Ecléa Bosi, a memória, além de permitir a relação do corpo presente com o passado, interfere no processo “atual” das representações:

Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora (BOSI, 1994, p. 47).

Em seu texto, Bosi (1994) dialoga com Henri Bergson. Para a autora, Bergson define dois tipos de memória: a “memória-hábito” e a “imagem-lembrança”. A memória-hábito é adquirida pelo esforço da atenção e pela repetição de gestos ou mesmo palavras, processo que se dá pelas exigências da

socialização, fazendo parte do nosso adestramento cultural. Já a imagem-lembrança traz à consciência um momento único, singular, não repetido. Essa memória possui data certa: refere-se a uma situação definida, individualizada (BOSI, 1994, p.49).

A infestação dos gafanhotos e a peste suína, lembrados pelos faxinalenses nas entrevistas, podem ser associadas ao que Bergson denomina “imagem-lembrança”, por se tratarem de fatos únicos e singulares na vida destes indivíduos, sendo repassados de geração em geração por meio da oralidade.

Os faxinais, os porcos e a peste

Na década de 1940 a criação de porcos em regime de compáscuo era praticada na região de Irati, principalmente, pelo considerável número de faxinais existentes na região. No caso da localidade de rio do Couro, além dos suínos, havia algumas famílias que compravam porcos em outros lugares, como no município de Pinhão/PR, para engordarem em espaços cercados denominados “mangueirões”, onde os porcos recebiam a alimentação oferecida pelo proprietário até o ponto de abate, momento em que ocorria a venda dos mesmos: “esses italianos traziam porcos de lá, eles traziam para engordar aqui, daí traziam quirera e batatinha e cozinhavam, daí engordavam aqueles porcos e vendiam” (SPECCHT, 2011).

Na localidade de rio do Couro também se praticava algo semelhante ao sistema de safra descrito por Arnold Monteiro Bach no livro “Porcadeiros” (2009). Segundo esse autor, o sistema desenvolveu-se no Brasil entre os anos de 1900 e 1960, período em que era comum os safristas percorrerem o sertão comprando porcos magros para serem engordados nas lavouras de milho. Os safristas contratavam pessoas para derrubar a mata e iniciar a plantação de milho, onde os porcos seriam soltos, quando o cereal estivesse maduro (BACH,

2009, p.13). No entanto, diferentemente do sistema de safra, em que os porcos eram engordados no milharal, na localidade de rio do Couro, os porcos adquiridos, eram engordados em “mangueirões”.

No Faxinal do rio do Couro, segundo Alvindo Leme, apesar de haver um número considerável de porcos, a venda destes não era uma prática muito comum, já que o preço dos animais era baixo, e esses porcos eram consumidos pela família do proprietário (LEME, 2011). Segundo Bach, ter uma criação de porcos sempre foi sinônimo de alimentação farta: “era o mesmo que ter um açougue e um armazém dentro de casa. Dos porcos vinha a banha, a lingüiça, o toucinho, o chouriço, o torresmo, a carne e demais derivados” (2009, p. 32).

Em um estudo feito por Luís Cezar Soares e Hélio Sochodolak (2008), os autores assinalam que o momento em que os faxinalenses se reuniam para matar um porco, era ao mesmo tempo, uma tarefa árdua, mas também um momento de festa, pois significava que alimento não iria faltar. A carne que derivava do animal abatido era então distribuída aos vizinhos, estes por sua vez, quando matavam um porco, também dividiam a carne com quem lhes havia doado o alimento. Segundo os autores, não havia uma regra escrita que indicasse qual o pedaço da carne que deveria ser dado, “era uma espécie de código de postura e comportamento, código não escrito nem ditado por ninguém, mas que existia e era cumprido à risca pelos faxinalenses” (SOARES; SOCHODOLAK, 2008, p. 5).

Tanto a carne quanto os demais derivados do porco eram consumidos pela grande maioria dos faxinalenses, inclusive por aquelas pessoas mais pobres. Esse fato pode ser explicado pela própria organização do criadouro comunitário no faxinal, que permitia que pessoas criassem porcos mesmo sem possuir terras. E conforme Berger, até mesmo essas pessoas possuíam a prática de ratear a carne do porco abatido, “assim como nós ganhávamos, nós

tínhamos uns vizinhos muito bons lá no mato, eles cada vez que matavam traziam um pedaço para nós e nós fazíamos também assim” (2011).

A prática de repartir a carne dos porcos, também era uma forma de sempre ter um alimento “fresco”. Outra forma bastante comum de conservação era feita através da fritura da carne suína em tachos, após esse procedimento, a carne era depositada em latas e cobertas com a própria gordura do animal. Depois que a banha coagulava, a carne podia se conservar por meses. Também se praticava a defumação da carne, que proporcionava maior durabilidade do alimento (BERGER, 2011).

Podemos perceber a importância que a criação de porcos exercia no faxinal, tanto no âmbito prático — forma de subsistência dos faxinalenses — como no âmbito cultural. A criação de porcos ainda é parte importante da cultura faxinalense. Eles aprenderam as técnicas do manejo dos porcos com seus ancestrais e as praticavam e ainda praticam sem questionar suas razões (SOARES; SOCHODOLAK, 2008).

Na década de 1940, os criadores de porcos, principalmente os faxinalenses, enfrentaram diversos problemas pela peste suína, que resultou em sérios prejuízos para aqueles que tinham nessa atividade sua principal fonte de subsistência.

De acordo com uma notícia publicada pela “Coordenadoria de Defesa Agropecuária do Estado de São Paulo”, intitulada “Os avanços da defesa animal transformaram Brasil em potência exportadora de carne”, a peste que assolou a criação de porcos entre as décadas de 1940 e 1950, foi a “Peste suína clássica” que hoje se encontra erradicada na maior parte do país. Houve também a “Peste suína africana”, que foi constatada pela primeira vez no Rio de Janeiro, em 1978, e erradicada do Brasil desde 1984 (COORDENADORIA..., 2011).

Durante o governo provisório de Getúlio Vargas — período em que a peste suína clássica se manifestou — foi criado pelo Decreto nº 25.548 de 03 de julho de 1934 o Serviço de Defesa Sanitária Animal (SDSA) que, além de prever normas para a importação/exportação de animais e produtos de origem animal, decretava regras para a inspeção em portos e postos de fronteiras, fiscalização de mercados e feiras de animais vivos, além de medidas para combater doenças infectocontagiosas. A lei também permitia que os serviços veterinários tivessem livre acesso às propriedade rurais, estabelecimentos de criação, depósitos, armazéns, estações de trem e qualquer outro lugar que alojassem animais (COORDENADORIA..., 2011).

No Paraná, conforme mensagem apresentada pelo governo de Moysés Lupion, no ano de 1948 à Assembleia Legislativa do Paraná, a peste suína havia se tornado uma calamidade pública em todo o Estado. Em 1947, novos focos apareceram e a peste propagou-se em vários locais do Estado, ameaçando outras regiões que ainda não foram infectadas. Para tentar controlar o alastramento da peste o Governo Estadual e o Ministério da Agricultura dividiram o Estado em duas zonas de ação: a primeira sob a responsabilidade do Governo Federal, por exigir maiores recursos, abrangendo os municípios de Ponta Grossa, Castro, Pirai do Sul, Tibagi, Reserva, Ipiranga, Jaguariaíva, Sengês, Irati, Teixeira Soares, Imbituva, Prudentópolis, Guarapuava, Pitanga, Laranjeiras do Sul, Clevelândia, Palmas e União da Vitória. A segunda zona de ação ficou sob a responsabilidade da Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio, abrangendo os demais municípios do Estado (MENSAGEM..., 1948, p. 31-32).

Neste documento consta que outras medidas foram tomadas para tentar conter o alastramento da peste suína como a distribuição de vacinas, interdição do trânsito de veículos que transportavam animais vivos para regiões onde não havia focos da peste, proibição do trânsito de tropas de

suínos, além da formação de conselhos responsáveis pelo procedimento dos criadores para com os animais mortos e infectados (MENSAGEM..., 1948, p. 33).

Na região de Irati, algumas destas medidas foram tomadas por parte da administração, como mostra um ofício enviado para o inspetor do distrito de Guamirim, datado de 21 de outubro de 1948. Neste ofício, solicita-se a contratação de uma pessoa para trabalhar na abertura de valas para os proprietários de porcos depositarem os animais mortos pela peste. Além disso, esta pessoa seria responsável por percorrer o distrito alertando que os proprietários não deveriam depositar os animais mortos nos pastos, nem lançá-los aos rios, mas sim, enterrá-los.

Outra medida tomada pela prefeitura de Irati foi a vacinação, como mostra um telegrama enviado pela prefeitura para o Rio de Janeiro solicitando 40 vidros da vacina “Cristal Violeta”. Em uma nota enviada ao jornal “Correio do Sul” de Irati, a prefeitura já havia adquirido 4.800 doses desta vacina e ainda contava com um funcionário apto para a aplicação destas, gratuitamente. No entanto, o transporte do funcionário era de responsabilidade de quem necessitasse de seu serviço.

A partir das entrevistas coletadas com moradores das localidades de rio de Couro e Faxinal do rio do Couro, ambas localizadas na zona rural do município de Irati, constatamos que esse funcionário não foi convocado nestas comunidades, uma vez, que cada morador se responsabilizava em vacinar seus porcos, individualmente ou com ajuda dos vizinhos. Na localidade de Faxinal do rio do Couro havia um morador que se disponibilizava em aplicar a vacina para os demais moradores como afirmou-nos Alvindo Leme: “aqui esse responsável era o Ambrósio, só que ele não ganhava nada, saía para fazer as aplicações e não ganhava” (LEME, 2011).

A vacinação dos porcos não era garantia de que estes não seriam infectados ou mesmo não morreriam com a peste. Alvindo Leme (2011) relata que até mesmo os porcos vacinados morriam, como testemunhou.

Seu depoimento encontra ressonância no panfleto do “Instituto Vital Brazil: laboratório de produtos químicos e biológicos S/A”, localizado em Niterói-RJ, que trata sobre a vacina “Cristal Violeta”, a qual foi adquirida pelo município de Irati para combater a peste suína, que diz o seguinte:

Esta vacina é exclusivamente preventiva e só deve ser aplicada em porcos sadios e ainda não foram contaminados pelo Vírus da peste suína. A imunidade conferida pela vacina só se estabelece 3 semanas após a vacinação. Durante esse período, os porcos vacinados estão sujeitos a contraírem a doença, caso haja contaminação (INSTITUTO VITAL BRAZIL, s/d.).

Talvez, muitos dos porcos vacinados acabavam morrendo, como relata seu Alvindo, por já estarem contaminados pela peste suína, ou então, acabavam se contaminando durante as três semanas após a vacinação.

Em pouco tempo, a peste suína arrasou a criação de porcos no faxinal, restando poucos deles: “a peste quando chegou foi um desastre porque matava os porcos e eles se amontoavam todos, um em cima do outro, quando via estavam mortos, (...) tem muitos que ficaram sem porco” (BERGER, 2011).

Alvindo Leme (2011) relata-nos que, a partir do momento que a peste suína começou a infectar, e conseqüentemente, matar os porcos, os faxinalenses foram proibidos de abater os mesmos para o consumo. No entanto, algumas pessoas, acabavam aproveitando a carne daqueles que haviam morrido. Outros ainda, quando ouviam boatos que alguns porcos estavam morrendo no faxinal pela peste, fechavam alguns animais no chiqueiro para os matarem o quanto antes, não correndo o risco de perdê-los. Leme (2011), ainda, conta que no período em que ocorreu tal fato, era difícil alguém consumir a carne suína, pois a maioria não possuía um “porco gordo”, que era o ideal para o abate. Através da fala do depoente, pode-se entender que muitos

deixaram de consumir a carne dos porcos, pela escassez dos suínos provocada pela peste e não por medo de alguma contaminação.

Segundo os faxinalenses, a peste suína teria ocorrido por determinadas causas. Specht (2011) relaciona-a ao fato de que os porcos trazidos do município de Pinhão-PR para o rio do Couro estavam contaminados e foram os responsáveis em transmitir a doença para a criação de suínos da localidade. Para Berger (2011), a peste teria vindo de determinado lugar através do “ar” e do “vento”, contaminando os porcos na região. Outros ainda, como Leme, relacionam a peste suína com a infestação de gafanhotos que havia ocorrido anos antes: “a peste foi dos gafanhotos, que eles comiam os gafanhotos e dali dois anos deu a peste, mas era proveniente dos gafanhotos, era dos gafanhotos senão não dava aquela peste” (LEME, 2011).

Os faxinais e os gafanhotos: a praga

A década de 1940 também foi marcada pela destruição das lavouras pelos gafanhotos, conforme registrou a mensagem apresentada pelo governo de Moysés Lupion à Assembleia Legislativa do Paraná. Neste documento, a infestação dos gafanhotos foi verificada no ano de 1947, sendo bem menor que a infestação do ano anterior (MENSAGEM..., 1948).

Em uma reportagem do jornal “Folha do Oeste”, do município de Guarapuava-PR, datada de 06 de outubro de 1946, e intitulada “A invasão dos gafanhotos”, registrou-se que a nuvem desses ‘nocivos invasores’ que tomava o município tinha uma extensão de 100 km de comprimento por 50 de largura. Os insetos destruíam todas as plantações dentro dessa faixa, inclusive a própria mata, que ficou despida de sua folhagem, até mesmo da própria casca (FOLHA DO OESTE, 06 out. 1946).

O ano que os gafanhotos chegaram à zona rural de Irati não é unanimidade entre os entrevistados. Alguns apontam para o ano de 1945,

outros 1946, ao contrário da mensagem de governo que aponta para o ano de 1947. Uma infestação de gafanhotos já havia ocorrido no ano de 1910 na colônia Gonçalves Júnior. Nesta localidade, a infestação de gafanhotos causou grandes prejuízos para os imigrantes holandeses:

Em novembro chegou uma notícia na colônia de que poderia haver um ataque de gafanhotos às lavouras. Uma das pragas do Egito, pensou a Niesje. Ela percebeu a preocupação nos semblantes do pai e do tio Leen. O Jan preparou latas de petróleo e estava a procura de tampas de panelas. O que o pai está querendo?, pensou Niesje.

Eles chegaram. Milhões e milhões de gafanhotos escureceram o céu e desciam nas lavouras. A Niesje viu seu pai e o tio Leen correrem para fora munidos de latas e tampas. Ela correu atrás deles com uma panela velha e uma concha de sopa. O barulho de nada adiantou, os gafanhotos acabaram com as lavouras em poucos dias. Somente restaram os talos das plantas. Esses insetos voam muito baixo e, normalmente, seguem pelos vales. A roça de Jan atrás do morro não foi atacada.

- 'O pior está por vir' – disse Pel, o vizinho.

Os gafanhotos quando saciaram sua fome, deixaram milhões de ovos na terra. Após algumas semanas, com a desova, a quantidade era maior ainda e mais voraz. Acabaram com praticamente todas as lavouras da colônia (RISSEU, 2004, p.16-17).

A infestação dos gafanhotos que havia ocorrido em 1910 também é lembrada pelos faxinalenses em algumas das entrevistas. Relatam que no dia da chegada dos insetos a essas localidades na década de 1940, algumas mulheres que haviam presenciado a infestação anterior começaram a chorar, já sabendo das dificuldades que iriam enfrentar, principalmente com a escassez de alimentos.

O período em que ocorreu a infestação dos gafanhotos na década de 1940 foi de grande miséria para os faxinalenses, pois as lavouras que forneceriam os alimentos para o consumo das famílias foram totalmente destruídas pelos insetos. Os únicos alimentos que restaram foram batata, batata-doce e abóbora, bem como algumas plantações de milho que já haviam passado pelo processo de maturação, ou aquelas, raras, que os gafanhotos não atacaram (LEME, 2011).

Conforme Jerônimo Maneira Primo, foi bastante tumultuado o dia que os gafanhotos chegaram à localidade do rio do Couro, pois as pessoas ficaram desesperadas ao verem suas lavouras, hortas e a própria mata serem destruídas pelos insetos, mesmo já sabendo que os gafanhotos poderiam chegar a qualquer momento e que causariam grandes prejuízos. Os animais, como bovinos e equinos, começaram a correr de um lado para o outro, assustados com inúmeros insetos que pela quantidade, chegavam a tapar a luz do sol (PRIMO, 2011).

A notícia que uma nuvem de gafanhotos estaria se aproximando do município de Irati era divulgada através do rádio. Segundo Primo (2011), nesse momento, eram poucas as pessoas que possuíam um rádio, que era o principal meio de comunicação. Era através dele, também, que eram divulgadas as possíveis origens da nuvem de gafanhotos.

Para Leme (2011), a nuvem de gafanhotos que destruiu as plantações no Faxinal do rio do Couro, tinha origem na Argentina, lugar que, segundo ele, havia um “banhado” onde esses insetos nasciam e proliferavam, mas também eram combatidos com inseticidas pelo governo argentino. Todavia, nesse período houve um descuido do governo e os insetos se multiplicaram, de maneira que se deslocaram para outros países, no caso o Brasil.

Segundo Clara Specht (2011), seu pai que tinha muitos livros e gostava de ler, relatava que esses gafanhotos teriam origem na África e que pela grande quantidade teriam vindo para o Brasil. Outra explicação dada pelos faxinalenses era a de que os gafanhotos se originavam numa ilha marítima de onde partiam em nuvem (PRIMO, 2011).

O jornal “Folha do Oeste”, de Guarapuava, em uma notícia, também divulga a possível origem da nuvem dos gafanhotos: “uma enorme nuvem de gafanhotos está atravessando pelos Estados do Sul do Brasil, vinda da direção das Repúblicas Argentina e Paraguay, tendo já atingido o Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná” (FOLHA DO OESTE, 06 out. 1946).

Após a infestação dos gafanhotos no Paraná, o governo estadual, juntamente com o Ministério da Agricultura, dividiu o Estado em oito zonas, cada uma delas subdividida em postos de abastecimento, estes ainda subdivididos em setores. Cada setor contando com uma ou mais equipes de combates, de acordo com a intensidade da infestação.

Segundo a mensagem do então governador do Paraná, essas medidas de combates à praga de gafanhotos não tiveram pleno êxito pela falta de estradas de ferro, para o transporte dos materiais até as regiões afetadas. Em consequência deste evento, houve uma queda na produção agrícola, levando muitos municípios a importar cereais para o consumo interno (MENSAGEM..., 1948, p.34).

No caso de Irati, os únicos registros encontrados sobre a queda da produção agrícola pela praga de gafanhotos, são dois ofícios, ambos datados de 1948. O primeiro foi enviado pelo então prefeito de Irati, José Galicioli, ao “Serviço de Estatística da Produção” no Rio de Janeiro. O prefeito informou sobre a estimativa de 29.700 sacas de feijão na safra de 1946, ao contrário do que fora repassado, de 120.000 sacas do produto, pois segundo Galicioli, Irati jamais conseguiu uma produção deste tamanho, “distanciando-se mais dêsse numero no ultimo biênio, devido a grandes chuvas no princípio e á praga de gafanhotos por último” (PREFEITURA..., 15 mar. 1948). O segundo ofício enviado ao mesmo órgão faz referência à estimativa da safra de feijão do ano de 1947, cerca de 27.500 sacas, produção que segundo Galicioli, decaiu novamente, pelas chuvas e pela infestação dos gafanhotos (PREFEITURA..., 28 maio. 1948).

Na mensagem de governo, acima referida, não há referência sobre qualquer ajuda que a administração estadual tenha enviado para os pequenos agricultores, como o caso dos faxinalenses, que tinham nessa atividade sua principal fonte de subsistência. Nas entrevistas, os moradores relatam que

receberam lança-chamas e tambores de querosene para auxiliar no combate dos milhares de gafanhotos que devoravam as plantações (SPECHT, 2011). Alvindo Leme (2011) relata que além dos lança-chamas receberam alimentos e também sementes para iniciarem uma nova plantação. Contudo, os moradores não sabem se esse auxílio vinha do governo estadual ou da própria prefeitura de Irati, onde, não foi encontrado nenhum registro sobre esses possíveis donativos.

Além do combate com os lança-chamas havia outras formas para combater os gafanhotos. Uma delas era a abertura de valas no chão, que eram utilizadas como armadilhas para os gafanhotos da seguinte forma: as pessoas espantavam os insetos com galhos ou mesmo com as próprias mãos para que caíssem no buraco que fora aberto, depois eram queimados com querosene ou então cobertos com terra (PRIMO, 2011).

Outros ainda se utilizavam de latas e panelas para fazer barulho, na tentativa de espantar os gafanhotos, essa atividade era geralmente desempenhada pelas crianças, que passavam o dia todo nas lavouras. Segundo os relatos, isso pouco adiantava, pois os insetos saíam por alguns minutos, mas logo voltavam a devorar as plantações (GARZUZE, 2011).

As benzedeiças também tentaram combater a praga nos campos infestados pelos gafanhotos através de alguns rituais. Segundo Primo (2011), havia na localidade do rio do Couro, inúmeros “curadores” que faziam vários tipos de benzeduras. No entanto, somente dois tentaram espantar os gafanhotos, um homem, o “velho Rael” e uma mulher “a velha Gertrudes”. Primo relata que ambos se dirigiam às lavouras e faziam alguns gestos utilizando ramos verdes, além disso, conta que a benzedeira Gertrudes garantia que suas rezas eram mais eficientes do que os outros métodos utilizados pelo restante das pessoas para combater a infestação. Relatava, também, ser responsável pela expulsão definitiva dos gafanhotos do faxinal (PRIMO, 2011).

Em sua entrevista, Dirce de Mello Garzuze (2011) relata que essa praga de gafanhotos ocorria a cada 30 anos e sempre causava grandes prejuízos para os moradores dos faxinais, principalmente por terem sua subsistência baseada na agricultura. Segundo Garzuze, a praga dos gafanhotos era uma espécie de castigo que Deus enviava para a população pela falta de religiosidade das pessoas, que na maioria das vezes não haviam recebido sacramentos como a Crisma, a 1ª Eucaristia e o Batismo. Isso ocorria, segundo Garzuze, pela falta de igrejas e até mesmo padres que raramente se dirigiam até as localidades da zona rural. Tais atitudes eram então castigadas, punidas por Deus, na concepção de alguns faxinalenses (GARZUZE, 2011).

A ideia que se tinha da infestação dos gafanhotos como castigo divino também pode ser observada na reportagem publicada no jornal “Folha do Oeste” de Guarapuava, em 1946,

Diante dessa verdadeira calamidade, de incalculáveis conseqüências, não basta somente o esforço das autoridades. É imprescindível que o povo levante préces ao Criador do Universo, orando com fé, implorando que esse calix de amargura seja afastado, embóra a humanidade, pelos seus destinos, seja merecedora de castigo (FOLHA DO OESTE, 06 out. 1946).

Outro documento em que a praga dos gafanhotos está relacionada a um castigo divino é um livro, no qual o autor Jurandir Alves Pires, conta histórias sobre rio Azul-PR, município que também teve suas plantações destruídas pelos gafanhotos:

Uma densa nuvem envolve a terra, com o desaparecimento da luz solar. Como se o sol tivesse sido engolido por um monstro da mitologia.

- Céus! gritam os povos residentes em Rio Azul. O que é isto?

-É a praga, a praga de Deus, respondem os mais velhos.

-Mas o que é isto, indaga um menino pegando um pequeno inseto que bateu em seu corpo.

- É a praga de Deus, são os malditos gafanhotos, observa o velho polaco (PIRES, s/d., p.47).

Essa ideia que os faxinalenses possuíam da infestação dos gafanhotos como um castigo enviado por Deus também pode ser observada no seguinte trecho de um documento que trata sobre uma infestação de gafanhotos ocorrida na Colônia Gonçalves Júnior em 1910: “uma das pragas do Egito, pensou a Niesje. Ela percebeu a preocupação nos semblantes do pai e do tio Leen” (RISSEU, 2004, p. 16-17).

Robert Darnton (1986), analisa a maneira como as pessoas comuns da França no século XVIII interpretavam o mundo e lhe conferiam significados. Darnton toma como objeto de estudo um massacre de gatos cometido por trabalhadores de uma tipografia. Ao longo da história, o autor observa o peso simbólico que os gatos possuíam no folclore francês, o que seria um fator de grande relevância para desencadear o massacre.

Como os gatos possuíam, na análise de Darnton, uma configuração simbólica, a infestação dos gafanhotos, interpretada pelos faxinalenses como castigo divino, também pode estar relacionada ao caráter simbólico que os insetos tiveram para estes indivíduos, uma vez que na bíblia já se encontravam narrativas dos gafanhotos como uma das pragas enviadas ao Egito, como forma de castigo.

Jean Delumeau, ao escrever a “História do medo no Ocidente”, aponta que muitos eventos também eram interpretados como castigos divinos:

Ao lado da peste, as fomes, as guerras, até mesmo a invasão dos lobos eram sempre interpretadas pela Igreja, e mais geralmente pelos guias da opinião, como punições divinas: flechas acerasadas enviadas do Céu sobre uma humanidade pecadora (DELUMEAU, 2009, p. 335).

No momento em que as localidades faxinalenses enfrentavam a infestação dos gafanhotos, muitas pessoas recorreram à igreja na tentativa de impedir a destruição das lavouras, por meio da intercessão divina. Segundo Specht (2011), toda noite as pessoas se reuniam em determinadas casas para fazerem suas orações, na forma de novenas, além disso, “o pessoal ia rezar na

igreja, fazer promessa, fazer pedido, algum ia todos os dias outros só no domingo” (SPECHT, 2011). Leme também conta que no faxinal do rio do Couro essa prática também foi adotada: “as pessoas rezavam, faziam novenas, pediam a Deus para que ajudasse para frente, que desse saúde” (2011).

Dirce de Mello Garzuze afirma que, depois da infestação de gafanhotos, algumas localidades como o Faxinal dos Mellos e Faxinal do rio do Couro passaram a construir pequenas capelas para as pessoas se reunirem em oração nos finais de semana. Garzuze também afirma que a visita dos padres começou a ser mais frequente.

Depois da infestação do final da década de 1940 não encontramos nenhum documento que registre novamente a ocorrência desses insetos na região de Irati. Para Dirce de Mello Garzuze, o fato de os gafanhotos não mais retornarem a localidade do rio do Couro estaria ligado justamente à construção de novas capelas e também a vinda mais frequente dos padres até as localidades da zona rural do município.

A sobrevivência de um modo de vida provado pelas pestes

Como pudemos perceber, a praga de gafanhotos e peste suína abalaram a economia do sistema de faxinal — a agricultura de subsistência e a criação de porcos — na década de 1940. Mesmo assim, essa forma de organização tradicional persistiu e as pessoas não abandonaram o campo. Como tal fato pode ser compreendido?

Uma das hipóteses para a sobrevivência do sistema faxinal, bem como a permanência das pessoas no campo, pode estar relacionada à própria organização do sistema, que estava baseado na solidariedade que se estendia muito além da própria comunidade. Pelas entrevistas, pudemos perceber que esse elemento se fez presente tanto durante a ocorrência da peste suína como da praga dos gafanhotos.

Em relação à peste suína, essa rede de solidariedade pode ser observada na própria reconstituição da criação de porcos no faxinal. Segundo Berger (2011), raros foram os porcos que resistiram à doença, contudo, aqueles que restaram eram emprestados ou então vendidos para os vizinhos para tentar recompor a criação.

Já em relação à praga de gafanhotos, as manifestações de solidariedade se fizeram ainda mais presentes. Segundo Primo (2011), o período do ano em que os gafanhotos chegaram à localidade do rio do Couro coincidia com o início das plantações. Assim sendo, os alimentos estocados estavam praticamente no fim e os moradores contavam com a nova colheita para servir de alimento para eles próprios e também para os animais. Como a infestação de gafanhotos impediu a colheita do que fora plantado, a escassez de alimentos foi inevitável.

Maneira Primo (2011) nos relatou que seu pai, João Batista Maneira, era um dos poucos moradores do faxinal que ainda possuía uma quantidade razoável de milho estocado no paiol. Após a infestação dos gafanhotos várias pessoas começaram a procurá-lo para comprar ou mesmo emprestar milho. Em poucos meses o paiol ficou vazio:

Nós tínhamos um paiol de milho em casa cheio da safra passada e meu pai emprestou milho até lá pro Mato Queimado, vinham buscar milho até aqui desse faxinal, quantos e quantos vieram emprestar milho para comer, para fazer o fubá, para fazer a farinha, não era para engordar criação (PRIMO, 2011).

A fala do depoente encontra ressonância com um depoimento de Guilherme Crovador, encontrado no livro “A colônia que veio do pó”² de Osmar Aggio:

² No livro o autor ao trabalhar com a imigração italiana na região de Campo Largo-PR, coletou alguns depoimentos, inclusive de pessoas que residiram em faxinais da região de Irati, como no caso de Guilherme Crovador.

Em 1946, depois da Segunda Guerra, houve um ataque de gafanhotos no Rio do Couro – Irati. Eles destruíram tudo que viam, comeram até o ‘fumá’ (fumo). A gente só não passou fome porque o João Batista Maneira tinha um milho guardado, mas que depois acabou também (CROVADOR, apud AGGIO, 2005, p. 124).

Por estes depoimentos, pode-se perceber uma organização social baseada no estabelecimento de relações de solidariedade, o que não ocorria somente em períodos de escassez de alimentos, mas durante todo o ano, fazendo parte da própria cultura faxinalense: “se não tinha uma coisa para dar, o outro vinha e trazia era assim, sempre tinha” (BERGER, 2011). Contudo, no período que ocorreu a infestação de gafanhotos essas relações de solidariedade se fizeram ainda mais presentes.

As bodegas que existiam na localidade do rio do Couro, segundo os depoimentos, também foram um elemento importante para a permanência das pessoas no campo no período de escassez de alimentos causados pelos gafanhotos. Muitas pessoas, mesmo sem possuir dinheiro, se dirigiam até esses armazéns para comprar “a fiado”, mas essa era uma prática que também ocorria antes da infestação dos gafanhotos. Outros ainda trocavam produtos como ovos, galinhas e sementes por outros gêneros alimentícios, como açúcar, sal e farinha (BERGER, 2011). Outros conseguiram sobreviver, comprando nas bodegas com o dinheiro que haviam conseguido através da coleta de erva-mate (LEME, 2011).

Considerações finais

Ao final deste artigo pudemos concluir que, de um ponto de vista econômico, as bases do sistema de faxinal nas localidades do rio do Couro, Faxinal dos Mellos e Faxinal do rio do Couro foram abaladas pela infestação de gafanhotos que destruiu as lavouras e pela peste suína que arrasou a criação de porcos. Sem a possibilidade de criar os suínos, seja para o consumo, seja para a venda aos safristas, por conta da peste suína, sem a lavoura de subsistência, esta

atacada pelos gafanhotos, que, juntamente com os porcos garantiam o sustento das famílias, era de se esperar a ruína do faxinal. Um êxodo para as cidades, uma migração em massa. Todavia, o que se verificou foi o fortalecimento dos laços de solidariedade durante a praga e a peste. Os moradores emprestavam os porcos que não morreram com a peste para quem necessitasse reconstituir a criação ou então, emprestavam cereais para pessoas, até mesmo de outras localidades, que tiveram suas plantações destruídas pelos gafanhotos.

O que se observou foi que existia no período de ocorrência da infestação de gafanhotos e da peste suína uma cultura cabocla calcada no trabalho comunitário, na religiosidade e principalmente nas relações de solidariedade. Esses elementos possibilitaram enfrentar os problemas, as pestes e produzir significados que, ao contrário do que se podia esperar, fortaleceram os laços e o modo de vida faxinalense.

Referências

AGGIO, Osmar. *A colônia que veio do pó*. Campo Largo: Gráfica Planeta Ltda, 2005.

BACH, Arnaldo Monteiro. *Porcadores*. Ponta Grossa: Pallotti, 2009.

BERGER, Magdalena R. *Entrevista* concedida a Regiane Maneira. Irati, 27 fev. 2011.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade*: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CALDAS, Alberto Lins. *Oralidade texto e história*: para ler história oral. São Paulo: Loyola, 1999.

CHANG, M. Y. Faxinais: uma forma de organização camponesa em desagregação no Centro-sul do Paraná. *Boletim do Iapar*, Londrina, n. 22, 1988.

COORDENADORIA DE DEFESA AGROPECUÁRIA DO ESTADO DE SÃO PAULO. *Os avanços da defesa animal transformaram Brasil em potência exportadora de carne*. Notícia. Disponível em <http://www.cda.sp.gov.br/www/noticias/index.php?action=integra&cod=270>. Acessado: 24 mar. 2011.

DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos, e outro episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente (1300-1800): uma cidade sitiada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente e história oral. *Topoi*, Rio de Janeiro, n. 5, p. 314-332, dez. 2002.

FOLHA DO OESTE. *A invasão dos gafanhotos*. Guarapuava/PR, n. 20, 06 out. 1946.

GARZUZE, Dirce de Mello. *Entrevista* concedida a Regiane Maneira. Irati, 18 maio. 2011.

INSTITUTO VITAL BRAZIL: LABORATÓRIO DE PRODUTOS QUÍMICOS E BIOLÓGICOS S/A. *Panfleto*. Niterói-RJ, s/d.

JOUTARD, Philippe. História oral: balanço e metodologia e da produção dos últimos 25 anos. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 43-52.

LEME, Alvinho. *Entrevista* concedida a Regiane Maneira. Irati, 05 fev. 2011.

MENSAGEM APRESENTADA A ASSEMBLEIA LEGISLATIVA por ocasião da abertura da sessão legislativa de 1948 pelo Senhor Moysés Lupion, Governador do Paraná. Curitiba, 1948. Disponível em: http://www.arquivopublico.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/Ano_1948_MFN_941.pdf. Acessado: 23 ago. 2010.

NERONE, Maria Magdalena. *Terras de plantar – terras de criar – Sistema Faxinal: Rebouças – 1950-1997*. Assis, 2000. Tese (Doutorado em História) - UNESP/Assis.

ORREDA, José Maria. Irati. v.1. Irati: O Debate, 1972.

PIRES, Jurandir Alves. *Rio Azul também tem história*. Rio Azul: Sesquicentenário, s/d.

PREFEITURA MUNICIPAL DE IRATI. *Ofício* 53/48 enviado ao Serviço de estatística da produção do RJ. 15 mar. 1948.

PREFEITURA MUNICIPAL DE IRATI. *Ofício* 54/48 enviado ao Serviço de estatística da produção do RJ. 28 maio. 1948.

PRIMO, Jerônimo Maneira. *Entrevista* concedida a Regiane Maneira. Irati, 24 maio. 2011.

RISSEEU, P.J. *A terra que eu vos indicarei: a emigração da família Verschoor*. Manuscrito da década de 1960. Trad. Dick Carlos de Geus. Carambei: S/E, 2004.

SOARES, Luis Cesar; SOCHODOLAK, Hélio. *Elementos da cultura faxinalense em Inácio Martins*. Irati, 2008. Relatório (Pesquisa) – Unicentro.

SOCHODOLAK, Hélio; CAMPIGOTO, José Adilçon. Os faxinais da região das araucárias. In: MOTTA, Márcia Menendes; OLINTO, Beatriz Anselmo; OLIVEIRA, Oseias (orgs). *História Agrária: propriedade e conflito*. Guarapuava: ed. Unicentro, 2009. p.183-212.

SPECHT, Clara. *Entrevista* concedida a Regiane Maneira. Irati, 20 jan. 2011.

VOLDMAN, Danièle. A invenção do depoimento oral. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

